

“NOSSAS RELAÇÕES DE TRABALHO E CONVIVÊNCIA PRECISAM SER REVISTAS”: RACISMO E EMPODERAMENTO NEGRO NO CONTO DE SOBRAL

Andressa Oliva de Souza, Graduada em Letras
Carolina Rocha de Assumpção, Graduada em Psicologia
Mayara Karoline Rogaleski, Mestrandas no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) *campus* de Campo Mourão- PR

Introdução

Por ser, a princípio, liderado por mulheres brancas, heterossexuais, com curso superior e de classe média alta, nas suas primeiras ondas, o feminismo trazia consigo um conceito de “mulher universal”, que, obviamente, não incluía as demandas das mulheres que não se encaixavam nesse padrão, como as negras, lésbicas e provenientes de países de terceiro mundo. A respeito da incorporação das demandas feministas negras ao movimento feminista, a importante teórica e ativista feminista estadunidense bell hooks¹ (1952-2021), em *Teoria feminista: da margem ao centro*, publicado originalmente em 1984, critica a perspectiva unidimensional adotada pelo feminismo universal que não inclui no rol de reivindicações as experiências de mulheres menos privilegiadas (hooks, 2019). As considerações da autora remetem ao conceito de interseccionalidade, cunhado pela ativista Kimberlé Crenshaw, em 1989, como forma de compreensão do racismo enraizado na sociedade por meio de suas instituições. Brah e Phoenix (2017) entendem esse conceito como uma forma de repúdio ao silenciamento imposto às mulheres negras desde as convenções escravagistas estadunidenses no século XIX. Para as autoras, esse conceito chama a atenção para o fato de que as diferentes dimensões da vida social estão interligadas. Assim, elas concebem a interseccionalidade como um conceito “que denota os efeitos complexos, irreduzíveis, variados e variáveis que advém quando eixos de diferenciação múltiplos – econômico, político, cultural, físico, subjetivo e experiencial – se interseccionam em contextos historicamente específicos” (Brah; Phoenix, 2017, p. 662-663).

¹ A autora e ativista social Gloria Jean Watkins prefere assinar seus escritos como bell hooks, com iniciais minúsculas, como uma forma de homenagear sua avó materna, assim como destacar o conteúdo dos seus textos e não sua pessoa. Em respeito à escolha da autora, adotamos a forma usada por ela.

A literatura de autoria feminina negra surge, então, nesse contexto histórico marcado pela opressão e pela luta por igualdade, como uma forma de resgate de experiências femininas negras de resistência, identidade e ancestralidade. Ademais, surge como uma forma de enfrentamento ao silenciamento e à invisibilidade que marcaram, por séculos, as representações culturais de afrodescendentes no Brasil.

A coletânea de contos *O tapete voador*, de Cristiane Sobral, foi lançada em 2016 pela editora Malê. Assim como outros títulos da autora, a obra é composta por narrativas que tratam de temáticas como a negritude, a ancestralidade, o preconceito racial e a resistência. Nas histórias, as personagens – mulheres negras – lutam, de diferentes formas, para preservar suas identidades em uma sociedade racista que tenta excluí-las e desqualificá-las. Essa relação de opressão, em *O tapete voador*, manifesta-se nas mais diferentes esferas da vida social, incluindo as relações de trabalho.

Desta forma, este trabalho selecionou o conto “Elevador a serviço”, presente na coletânea supracitada, para analisar a opressão vivenciada pela mulher negra na sociedade. O próprio substantivo “serviço”, observado no título do conto, tem sua raiz etimológica no latim *servitium*, que significa “escravidão”, “servidão”, relacionando-se diretamente à problemática das relações de trabalho ainda pautadas em moldes escravagistas. O conto traz a história de Malena, uma cantora que mora no 12º andar de um prédio de luxo, que, devido à indisponibilidade do elevador social, resolve descer pelo elevador de serviço. Alguns andares abaixo, uma senhora branca e de meia idade tenta uma aproximação com a personagem por meio de falas problemáticas que revelam seu olhar discriminatório sobre a companheira de elevador.

Materiais e métodos

Para a realização deste resumo, discorreremos da análise do conto “Elevador a serviço”, presente na obra *O Tapete voador* (2016), de Cristiane Sobral. A partir do escopo teórico dos Estudos Culturais e da crítica feminista negra, buscamos realizar uma abordagem interseccional do conto, pois este permite examinar como diferentes formas de opressão, como racismo, sexismo e classicismo se entrelaçam e influenciam nas trajetórias de mulheres negras,

como exemplificado pela personagem Malena. Ao considerarmos essas múltiplas dimensões de identidade, podemos refletir sobre como a autoria negra de Sobral mobiliza a voz da mulher negra e propõe discussões fecundas acerca de temas como racismo, ancestralidade, identidade e empoderamento negro, propiciando a representação de experiências profundas e multifacetadas do que é ser uma mulher negra em uma sociedade marcada pelo racismo.

Resultados e Discussão

Historicamente, a mulher foi vista como um ser inferior por uma sociedade enraizada em valores patriarcais e regida por comportamentos machistas. Desta forma, conforme afirma Colling (2004, n.p.), “[...] as representações da mulher atravessaram os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos, hierarquizando essa diferença e transformando-a em desigualdade”. A reprodução dessas opressões se intensifica quando analisamos a condição imposta às mulheres negras, que devido às péssimas condições de vida e à falta de oportunidades, precisaram se submeter a atividades de trabalho precárias para garantir sua sobrevivência. Atualmente, o trabalho doméstico ainda é uma das principais fontes de renda para muitas mulheres. No Brasil, cerca de 6,08 milhões de pessoas são empregados domésticos. Destas, 91,1% são mulheres, sendo a grande maioria formada por mulheres negras. Os dados mostram ainda que apenas um terço possui carteira assinada, recebendo em média um salário mínimo (BRASIL, 2024).

Não raro, mulheres negras são submetidas a atitudes racistas disfarçadas de críticas, muitas vezes relacionadas a sua ocupação no trabalho. Além disso, seus cabelos, cor e traços são frequentemente alvo de comentários preconceituosos, ainda que de forma velada. Geralmente, esses comentários são acompanhados por ofensas mascaradas de “elogios”, na tentativa de diminuir o caráter racista dessas falas até que ele se torne imperceptível ou, pelo menos, natural. A exemplo disto, o trecho: “[...] Uma mulher muito **valiosa**. O caso típico de **alma branca**, rara hoje em dia [...]” (Sobral, 2016, p. 28, grifo nosso) elucidada como as próprias escolhas linguísticas de expressões há muito utilizadas exprimem as ideias racistas de seus enunciadores, ainda que de forma

não tão explícita. Expressões como essa, ainda muito presentes na sociedade brasileira do século XXI, refratam uma situação em que, conforme ressalta Almeida (2019, p. 56), “[...] o racismo já não ousa se apresentar sem disfarces”.

Conforme bem inteirado pela personagem Malena no trecho final do conto “Elevador a serviço”, não basta apenas ser contrário ao racismo para combatê-lo, visto que “Isso não era o suficiente, não mudaria o estado das coisas. Era uma questão de ação, de defender as *razões da cor* com alegria” (Sobral, 2016, p. 30). Em consonância a isso, Sílvio de Almeida (2019) explica que existe uma dimensão estrutural no racismo brasileiro, o que leva à naturalização das práticas racistas, o que torna imprescindível a conscientização e uma educação social antirracista. Em outras palavras, “[...] a mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas” (Almeida, 2019, p. 34). Voltando ao texto literário, aqui entendido como um produto social, é de extrema relevância compreendermos que a capacidade de Malena perceber a violência e reagir a um discurso violento utilizando-se de seu discurso de resistência resulta de sua referencialidade e do conhecimento sobre sua própria cultura, além do discernimento de como as relações sociais racistas persistentemente tentam diminuí-la e inferiorizá-la.

Considerações finais

Após a leitura crítica do conto, podemos inferir que a literatura negrofeminina de Sobral promove debates consistentes a respeito da realidade social marcada por estereótipos e preconceitos. Contudo, ao englobar uma ampla gama de demandas específicas das mulheres negras, a obra não refrata as violências por elas sofridas de maneira naturalizada, mas sim em caráter de denúncia. Além disso, ao apresentar uma protagonista como Malena ocupando ambientes privilegiados, comumente expressos na literatura como exclusivos à branquitude, o conto introduz novas representações negrofemininas, concedendo voz e visibilidade a esse grupo e legitimando sua posição enquanto agentes sociais e culturais. O movimento adotado pela protagonista oferece ferramentas para resistir à opressão imposta pela colonialidade e desafiar os

estereótipos impostos às mulheres negras em toda estrutura social, inclusive nas relações de trabalho.

Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

BRAH, Avtar.; PHOENIX, Ann. “Não sou uma mulher? Revisitando a Interseccionalidade”. Trad. Cláudia Santos Mayer e Matias Corbett Garcez. In: BRANDÃO, Izabel. et al. **Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)**. Florianópolis: Edufal; Editora da UFSC, 2017.

BRASIL. **Ministério do Trabalho e Emprego**. O emprego doméstico do Brasil é formado por mulheres. 2024. Disponível em:<[CEVASCO, Maria Elisa. Literatura e Estudos Culturais. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana \(orgs.\). **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 319-325.](https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Marco/emprego-domestico-no-brasil-e-formado-por-mulheres#:~:text=Segundo%20Paula%20Montagner%2C%20o%20emprego,o%20trabalho%20dom%20%C3%A9stico%20de%20diarista.>; Acesso em 26 de maio de 2024.</p></div><div data-bbox=)

COLLING, Ana Maria. As mulheres e a Ditadura Militar no Brasil. **História em Revista**. v.10, n.10, 2017.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Trad. Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

SOBRAL, Cristiane. **O tapete voador**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

TEIXEIRA, Juliana. **Trabalho doméstico**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.